
Realeza LGBTQIA+: uma análise dos personagens Wilhelm e Simon em *Young Royals*¹

Guilherme Oliveira Dias²

Janaina Visibeli Barros³

Universidade do Estado de Minas Gerais, Divinópolis, MG

Resumo

O presente artigo analisa a representação dos personagens Wilhelm e Simon na série “Young Royals” (2021), produzida pela Netflix. O foco está na construção da realeza LGBTQIA+ e nos padrões sociais presentes na narrativa. O objetivo é compreender como a série aborda e provoca reflexões sobre normas sociais e estereótipos ligados à sexualidade e ao contexto monárquico. Para isso, foi realizada uma análise, observando os seis episódios da primeira temporada, apoiada em fundamentação teórica sobre linguagem, pensamento, signos, estereótipos, mídia e opinião pública. Os resultados indicam que a série contribui para a criação de novos imaginários sobre relacionamentos não heteronormativos, ao mesmo tempo em que expõe tensões entre tradição e representatividade, destacando o impacto da mídia na visibilidade desses temas.

Palavra-chave: Young Royals; representação; padrões sociais; realeza; comunicação.

INTRODUÇÃO

A Netflix detém, atualmente, o título de maior serviço de streaming do mundo, oferecendo produções audiovisuais de alcance global que abrangem diversos gêneros e temas. Com o aumento contínuo do uso da internet nos últimos anos, esse tipo de serviço tem ganhado cada vez mais espaço no cotidiano, e, conseqüentemente, os produtos de mídia consumidos influenciam a forma como percebemos o mundo ao nosso redor. Nesse contexto de produção midiática capitalista, é de interesse das grandes produtoras alcançar todos os públicos e, para isso, é necessário que o consumidor se identifique com as representações presentes nas obras. *Young Royals* (2021) pode ser considerada um exemplo de como uma empresa de produção audiovisual buscou se adaptar a uma sociedade mais crítica em relação às normas estabelecidas. Portanto, é relevante estudar as representações e os estereótipos presentes nessa obra midiática, a fim de compreender como eles são abordados e questionados.

¹ Trabalho apresentado na IJ05 – Comunicação, Cultura Digital e Tecnologias, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 5º Semestre, do Curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: guilherme.16860732@discente.uemg.br.

³ Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Orientadora do trabalho e professora do Curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: janaina.barros@uemg.br

O presente texto tem como objetivo analisar a representação dos personagens Wilhelm e Simon na primeira temporada da série sueca *Young Royals* (2021), produzida pela Netflix. Adam Schaff (1974), Bakhtin (2004), Ecléa Bosi (1977), Thompson (1998, 2018), Lippmann (2008) e Pierre Bourdieu (1997) compõem a base teórica que sustenta a análise apresentada a seguir.

Fundamentação teórica

A fim de compreender o contexto social em que se insere o debate desta pesquisa e desenvolver discussões em relação às observações feitas, torna-se fundamental o diálogo com importantes estudos da comunicação e suas teorias.

Diante disso, destaca-se a relevância de iniciar a fundamentação teórica desse estudo com as pesquisas de Schaff (1974), importante filósofo marxista que contribuiu para os estudos da linguagem, a qual desempenha um papel fundamental na formação da consciência humana. É por meio da linguagem que as relações sociais são estabelecidas. Para Schaff (1974), a linguagem, como uma unidade verbal, refere-se a como o pensamento só ocorre quando é operado por uma linguagem, que é primordial para criação de significados coletivos. A linguagem educa ao transmitir um sistema de valores que guia o comportamento e influencia a percepção da realidade. Schaff (1974) explica que,

a linguagem, que é um reflexo específico da realidade, é também, em certo sentido, a criadora da nossa imagem do mundo. No sentido em que a nossa articulação do mundo é pelo menos, em certa medida, a função da experiência, não só individual, mas também social, transmitida ao indivíduo pela educação e, antes de tudo, pela linguagem. (SCHAFF, 1974, p. 254-255)

Seguindo os estudos sobre linguagem e de sua operação na construção do pensamento, o filósofo Bakhtin (2004), nos orienta para o estudo dos signos. Para Bakhtin (2004),

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. (BAKHTIN, 2004, p.31)

Esses signos se dão pelas relações sociais estabelecidas, o que permite as pessoas enxergar o mundo à sua maneira, como um “óculos social”. Nesse sentido, para Bakhtin

(2004) a palavra é um signo ideológico, pois carrega consigo uma variedade de significações e valores que movimentam o discurso e são apreendidos nas relações sociais. Dessa forma, a palavra torna-se um elemento indispensável para o pensamento e às práticas culturais, o que é partilhado por meio da comunicação. É por meio da palavra que os emissores transmitem suas ideias e sua narrativa. Igualmente, a palavra instrumentaliza o sujeito no ato da recepção no processo de interação e os sentidos partilhados socialmente na linguagem permitem que haja comunicação entre os interlocutores.

A língua contém em si uma visão de mundo, que influencia a forma como a realidade é observada (SCAFF, 1974). Essa visão de mundo, como exposto, se constrói nas relações sociais. Os valores são apreendidos entre indivíduos que operam o pensamento e a linguagem. Nessa interação ocorre, concomitantemente, a perpetuação de estereótipos que estão presentes no discurso. Para Bosi (1977), os estereótipos são formados a partir de filtros sociais, que utilizamos para caracterizar o mundo. Essas caracterizações e generalizações são opiniões afastadas do conhecimento, que, quando cristalizadas, impedem que os indivíduos enxerguem o outro como outro.

Bosi (1977) esclarece que vivemos e experimentamos pouco do mundo, e que as construções que fazemos são, muitas das vezes, a partir de observações já feitas por um outro. “O estereótipo nos é transmitido com tal força e autoridade que pode parecer um fato biológico” (BOSI, 1977, p.97). Essa relação de transmissão só ocorre com o que Bosi (1977) chama de “confiança social”, ou seja, a confiança que temos em indivíduos que já vivenciaram fatos que não vivemos, bem como em instituições como igrejas, escolas, autoridades etc. É importante destacar que os estereótipos são problemáticos no sentido de afastar o outro apenas por determinadas características já pré-concebidas. Esse afastamento pode gerar exclusão e diversos tipos de violência contra um grupo de pessoas que compartilham comumente características desviantes de um padrão ou norma imposta socialmente.

Nesse contexto, nas sociedades modernas, as mídias passam a ocupar um papel central como agentes na formação do olhar e das referências. Segundo Thompson (1998), as transformações sociais decorrentes da modernidade estão entrelaçadas as transformações dos meios de produção da comunicação. Para o autor “o desenvolvimento dos meios de comunicação criou novas formas de interação, novos tipos de visibilidade e

novas redes de difusão de informação no mundo moderno, e que alteraram o caráter simbólico da vida social” (THOMPSON, 1998, p.72). Os meios de comunicação são agentes importantes de transformação social. Para Thompson (1998), a comunicação é um meio de exercício do poder simbólico e econômico, capaz de interferir no curso dos acontecimentos utilizando meios como a televisão, o celular, as mídias sociais e os jornais. Esses meios são utilizados para circular visões de mundo hegemônicas, que permitem manter o mercado como regulador das demandas sociais.

Thompson (2018), também discute as novas fragilidades às quais os indivíduos estão expostos em decorrência das transformações nas interações comunicacionais promovidas pela internet. Segundo o autor, as novas formas de visibilidade proporcionadas pela mídia e pelas redes sociais têm exposto ao domínio público aspectos anteriormente restritos à esfera privada, sobretudo no que se refere à vida de figuras públicas, como ocorre nos vazamentos de escândalos envolvendo personalidades. Esses espaços antes privados passam a ser inseridos nas regiões frontais da interação mediada on-line (interação que ocorre em ambientes on-line) além da comunicação de massa.

Diante da exposição crescente promovida pelos meios de comunicação, como aponta Thompson (2018), torna-se essencial compreender como os indivíduos constroem suas percepções da realidade. Segundo Lippmann (2008), a opinião é formada pela percepção do mundo através de atalhos cognitivos e imagens mentais que os indivíduos possuem, chamados de "pseudo-ambientes". Tais opiniões são moldadas por experiências limitadas e pelas informações provenientes de diversas fontes, entre elas a mídia.

Como visto anteriormente, um discurso pode carregar violências. O autor Pierre Bourdieu (1997), aponta a televisão como um meio de comunicação de massa que reproduz de forma silenciosa a violência simbólica, por muitas vezes reforçar e propagar estereótipos e ideias, alimentando negativamente o imaginário das pessoas. No entanto, como analisa Bakhtin (2004), o discurso é a arena da luta de classes e ele permite tanto refletir quanto refratar o contexto histórico onde se manifesta. Nesse sentido, os produtos midiáticos podem reforçar estereótipos e valores pré-concebidos, mas também podem fazer ver algo que não era percebido antes. Ao lançar luz sobre expressões culturais dissidentes e romper com normas estabelecidas, a mídia contribui para a renovação do pensamento social, ao oferecer material simbólico que alimenta outras formas de ver e compreender o mundo.

Por este preâmbulo, a presente pesquisa tem como objetivo analisar a representação dos personagens Wilhelm e Simon na série Original da Netflix, "Young Royals" (2021). A obra se destaca por retratar uma realeza LGBTQIA+ fictícia, tematizando um problema antigo: a inadequação de indivíduos *queer* às tradições heteronormativas das monarquias.

Para delimitar o escopo da pesquisa, o estudo concentra-se nos dois personagens principais, Wilhelm e Simon, e no relacionamento construído entre eles ao longo da primeira temporada de Young Royals (2021), composta por seis episódios de aproximadamente 44 minutos cada. Esses episódios foram analisados por meio da observação sistemática, entendendo-os como documentos culturais que expressam valores sociais, simbólicos e ideológicos. Durante a análise, foram feitas anotações detalhadas, com o objetivo de registrar cenas, diálogos e situações que evidenciam estereótipos, representações de gênero e sexualidade, tensões entre tradição e modernidade, bem como relações de poder vinculadas ao contexto da realeza. Essa abordagem possibilitou identificar como a narrativa constrói e tensiona imaginários sociais acerca da realeza LGBTQIA+.

As seguintes perguntas movimentam as observações: Como o relacionamento entre esses personagens provoca padrões sociais por meio de um produto midiático? Como a série reflete e refrata o contexto social em relação à realeza?

Análise do enredo e dos personagens

A série começa com o Príncipe Wilhelm sendo transferido para o Internato de Hillerska, uma escola elitista frequentada por integrantes de famílias de prestígio. Sua transferência ocorreu devido a uma briga em uma festa na qual o príncipe se envolveu, gerando “danos” à imagem da família real. Como forma de educar o príncipe, sua mãe, a rainha, decidiu que ele concluiria os estudos em Hillerska. Para recebê-lo, a diretoria do internato organiza uma recepção para o novo aluno. É nesse evento que Wilhelm vê, pela primeira vez, Simon, um aluno bolsista e não residente do internato, despertando imediatamente algo em Wilhelm. Ao longo dos episódios, os dois se aproximam e o relacionamento se desenvolve até se transformar em um romance. Por ser um membro da realeza, Wilhelm decide manter o relacionamento em segredo para evitar escândalos.

A história muda de rumo no terceiro episódio, quando Erik, irmão de Wilhelm e príncipe herdeiro do trono, morre em acidente de trânsito, e Wilhelm é forçado a assumir o papel de príncipe herdeiro. Devido a essa pressão, a atitude de Wilhelm em relação ao seu relacionamento com Simon muda drasticamente, levando ao afastamento dos dois após desentendimentos. Em um momento de turbulência emocional, Wilhelm embriaga-se e faz uso de drogas em uma festa, terminando em um campo de futebol, onde Simon o resgata tarde da noite. Eles passam a noite juntos, e na manhã seguinte são filmados em um momento íntimo por um colega de classe. Posteriormente, o vídeo é vazado na internet, tornando-se um escândalo nacional que atinge diretamente a família real. O amor de Wilhelm e Simon é posto em risco quando Wilhelm é forçado, pela realeza, a negar os rumores de que ele é a pessoa no vídeo.

Figura 1 - Personagem Wilhelm interpretado por Edvin Rydin.



Figura 2 - Personagem Simon interpretado por Omar Rudberg.



Fonte: IMDb⁴

Estereótipos e padrões sociais movimentados

Após análises, observa-se que a série possui um caráter de provocar questões sobre padrões e normas socialmente impostas, mais especificamente no aspecto da sexualidade. Os personagens principais, Simon e Wilhelm, representam suas sexualidades de formas distintas. Simon demonstra segurança em relação a sua sexualidade e se sente

⁴ Disponível em: https://www.imdb.com/title/tt14664414/mediaindex?ref=tt_ov_mi_sm. Acesso em: 21 de junho de 2025.

confiante em expressá-la abertamente. Por outro lado, Wilhelm está constantemente lutando para se expressar e entender sua própria sexualidade, devido a sua posição como príncipe herdeiro.

A série retrata as dificuldades enfrentadas por relacionamentos não heteronormativos perante uma sociedade cujos discursos estão carregados de estereótipos. No caso específico da série, a situação se complexifica, pois envolve um príncipe cujas ações são vigiadas por um país. Além disso, há a questão da sucessão ao trono e a necessidade, teoricamente, de gerar herdeiros para garantir a continuidade da família.

Contexto social da realeza

Uma questão levantada é como a série reflete e refrata (BAKHTIN, 2004) o contexto social da realeza. Observamos que ela reflete no sentido de tratar de um contexto de monarquia, apontando as diferenças de classes, as responsabilidades que um príncipe deve ter, o que ele deve seguir, os discursos e preconceitos da sociedade. E refrata, quando utiliza esse contexto para fazer ver uma situação muitas vezes invisibilizada e pouco discutida. A série instiga o espectador a refletir sobre como essas situações não estão afastadas da realidade e como os costumes monárquicos ainda reproduzem condições reacionárias.

Um exemplo disso é a cena em que a rainha explica a Wilhelm que não é possível ele ser príncipe da coroa e manter um relacionamento com Simon simultaneamente. Isso evidencia que o príncipe está condicionado, mesmo sem escolha, a seguir um comportamento incompatível com suas orientações. O tradicionalismo da monarquia faz com que a identidade *queer* de Wilhelm seja problematizada.

Pode-se recorrer a Bosi (1977) para compreender como estereótipos persistem quando se pensa na monarquia, afinal, são transmitidos pela confiança social nas instituições de poder, que parecem não se preocupar em se atualizar com novas estruturas de famílias que podem ameaçar o *status quo*.

O vazamento e a mídia

Como uma figura pública, Wilhelm enfrenta grandes problemas após o vazamento do vídeo com Simon. Trata-se uma situação privada que, através de um vazamento, foi colocada na região frontal se tornando visível ao público e sendo noticiada por toda mídia nacional (THOMPSON, 1998). Esse escândalo evidencia as formas de visibilidades criadas pela mídia e o poder de violência simbólica que as redes sociais, assim como a televisão, possuem como meios de comunicação (BOURDIEU, 1997).

Considerando a trama e os temas abordados em *Young Royals*, é possível que a série desperte discussões e opiniões diversas entre os espectadores, através das representações e narrativas apresentadas. Tais representações têm potencial para influenciar a opinião pública e promover um olhar renovado sobre essa realidade, possivelmente contribuindo para uma evolução social.

Considerações Finais

Diante da pesquisa e os resultados apresentados, conclui-se que os objetivos deste estudo foram alcançados por meio das observações e diálogos realizados com os autores. *Young Royals* (2021), enquanto produto midiático, nos leva a aventura da percepção (BOSI, 1977), contribuindo para a criação de novos imaginários e possíveis realidades, onde relacionamentos não heteronormativos tenham espaços na sociedade e em estruturas de poder, como na realeza. A série contribui para a representação de personagens *queer*, refratando um contexto de padrões e normas socialmente impostas.

Ao final da discussão, deixa-se como reflexão um trecho de uma das músicas presente na trilha sonora da série, que diz “Vamos começar uma revolução, como isso é bonito” (ELIAS, 2015, tradução nossa). Essa frase captura a essência de *Young Royals* e a mensagem que a série transmite. É necessário continuar avançando na representação e inclusão, não apenas em *Young Royals*, mas em todas as produções audiovisuais.

Referências

BOSI, Ecléa. **A opinião e o estereótipo**. In: Contexto. USP. N°2. Março/1977.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão: a influência do jornalismo e os jogos olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

ELIAS. **Revolution**. Warner Music Sweden AB, 2015.

LIPPMAN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

SCHAFF, Adam. “Linguagem, conhecimento e cultura” in: **Linguagem e Conhecimento**. Coimbra, Portugal: Livraria Almedina, 1974

THOMPSON, John B. **A interação mediada na era digital**. In: Revista Matrizes. V 12, nº 3 (2018). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes/USP.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

VOLOCHINOV, V. N. (BAKHTIN, Mikhail). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Editora Hucitec: São Paulo, 2004.

Young Royals. Direção: Rojda Sekersöz e Erika Calmeyer. Produção: Lars Beckung Roteiro: Lisa Ambjörn, Sofie Forsman e Tove Forsman. Netflix: Nexiko, Netflix, 2021. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81210762>. Acesso em: 10 jun. 2025.

WORLD RECORD ACADEMY. *World's Largest Video Streaming Service: world record set by Netflix*. World Record Academy, 20 nov. 2024. Disponível em: <https://www.worldrecordacademy.org/2024/11/worlds-largest-video-streaming-service-world-record-set-by-netflix-424462>. Acesso em: 22 jun. 2025.